

---

CÁTEDRA  
OLAVO  
SETUBAL  
DE ARTE,  
CULTURA  
E CIÊNCIA

---

#1  
**DE KANT A  
MACHADO DE ASSIS –  
REFLEXÕES SOBRE  
A MODERNIDADE  
NO BRASIL**

Parceria do Instituto de Estudos  
Avançados da Universidade de São  
Paulo (IEA-USP) com o Itaú Cultural

DOI: 10.11606/9786587773025

---

---

# CONFERÊNCIA 6 MESA-REDONDA SOBRE MACHADO DE ASSIS

Paulo Saldiva, Martin Grossmann,  
Alfredo Bosi, Sérgio Paulo Rouanet,  
Hélio de Seixas Guimarães e Sílvia Eleutério

16 DE MARÇO DE 2017

ANTIGA SALA  
DO CONSELHO  
UNIVERSITÁRIO – USP

---

---

**O ENCERRAMENTO** das atividades acadêmicas de Sérgio Paulo Rouanet como titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência se deu com uma mesa-redonda sobre Machado de Assis (1839-1908). Como disse Rouanet durante o encontro, sua passagem pela Cátedra, que tratou de temas como a modernidade, o prazer da arte e as fronteiras das ciências, teve um espírito, primordialmente, universalista.

“Para fazer justiça à inspiração universalista da Cátedra, pareceu-me justo e adequado encerrar as atividades com esta mesa-redonda inteiramente dedicada à literatura, a mais universal das disciplinas do saber, com ênfase especial em Machado de Assis, o mais universalista dos nossos escritores”, disse o catedrático, autor de *Riso e melancolia* (Rouanet, 2007), obra que ofereceu uma perspectiva para as interpretações sobre Machado no Brasil.

E foi, sobretudo, a compreensão do autor brasileiro como sendo parte da literatura universal que conduziu a conversa que teve a moderação de Alfredo Bosi, um dos maiores críticos literários do Brasil, integrante da Academia Brasileira de Letras e professor-emérito de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Os debatedores do encontro foram Hélio de Seixas Guimarães, professor livre-docente de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, e Sílvia Eleutério, estudiosa do escritor que, em parceria com Rouanet e Irene Moutinho, produziu os cinco volumes da *Correspondência de Machado de Assis* (2020).

A abertura do encontro de encerramento foi feita por Paulo Saldiva, diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, e Martin Grossmann, coordenador acadêmico da Cátedra.

---

PAULO SALDIVA

Sou Paulo Saldiva, sou médico e, no momento, dirijo o Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP). À minha direita está o professor Martin Grossmann, da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), que é ex-diretor em exercício, ou seja, ele continua ajudando muito o IEA neste projeto de criarmos um espaço multilateral e multicultural, de junção de saberes. Graças a Martin Grossmann, tivemos uma das iniciativas mais exitosas do IEA, que é a criação desta Cátedra financiada pelo Itaú Cultural, que trouxe e trará, para a Universidade, pessoas capazes de nos ajudar a consolidar o entendimento da arte como um elemento fundamental da nossa essência.

A arte tem a propriedade não só de encantamento do espírito, mas também do corpo. A análise de medidas moleculares de expressão de proteínas pró-inflamatórias ou regulação de área de estresse nos mostra que, toda vez que você vê uma coisa bonita, a sua pressão arterial cai, você secreta substâncias anti-inflamatórias e sua imunidade aumenta. Existe uma biologia da beleza. Várias espécies usam a beleza como forma de comunicação, e a gente não é indiferente a isso. Nas cavernas do Paleolítico Superior, havia a pintura; provavelmente, a pintura precedeu a escrita e o canto precedeu a fala.

Ora, então, é um privilégio o IEA receber esta Cátedra que, desde a primeira conferência do professor Sérgio Paulo Rouanet, que aconteceu na Faculdade de Medicina, combinou sabedoria, conhecimento, cultura e generosidade. Tudo

<sup>1</sup> O cloridrato de fluoxetina, que aumenta os níveis de serotonina no cérebro, é o princípio ativo de uma ampla variedade de antidepressivos. [N.E.]

<sup>2</sup> Criada em 2013, a Cátedra José Bonifácio é gerida pelo Centro Ibero-Americano (Ciba) da USP. A cada ano sob o comando de uma figura pública de destaque, tem como finalidade sistematizar e disseminar o conhecimento do cenário ibero-americano em diferentes áreas. [N.E.]

isso é possível graças à parceria desinteressada de um agente privado em iluminar e cumprir esse papel social.

Passo agora a palavra para o professor Martin Grossmann que, como responsável pela Cátedra, poderá complementar o que deixei de dizer e, ao mesmo tempo, chamar as pessoas a quem eu, antecipadamente, agradeço. Aproveito para agradecer àquele que talvez mais simbolize, na minha opinião, o que é o IEA: o professor Alfredo Bosi. Temos hoje aqui reunidos dois dos maiores intelectuais que o Brasil possui – Alfredo Bosi e Sérgio Paulo Rouanet. E isso não é pouca coisa num momento em que muita gente tem de andar com fluoxetina<sup>1</sup> na carteira para enfrentar seu próprio estado de espírito. Hoje a gente poderia retirar a fluoxetina, porque, como disse, a beleza e a cultura melhoram o corpo, a mente, o espírito e a alma. Professor Martin, por favor.

MARTIN GROSSMANN

Professor Paulo Saldiva, agradeço suas palavras. De fato, este é um momento importante, não só para o IEA, mas para o contexto da Cátedra, porque estamos encerrando a titularidade do embaixador Sérgio Paulo Rouanet, que aceitou entrar conosco nisto que eu chamaria de odisseia: a primeira Cátedra de arte e cultura desta Universidade, colocada lado a lado com a Cátedra José Bonifácio.<sup>2</sup> Amanhã, faremos a passagem do bastão do embaixador Rouanet para o novo titular, Ricardo Ohtake, diretor do Instituto Tomie Ohtake.

Se uso o termo odisseia é porque, de fato, a presença da arte e da cultura na Universidade ainda é questionada. Estes são tempos difíceis, em que temos de ouvir gestores públicos

dizendo que os recursos deveriam ser canalizados para a pesquisa aplicada. Mas esta Universidade tem uma tradição que está embaçada não só na tradição científica, mas na tradição humanista. A criação da USP sempre teve como uma das bases principais a formação humanista, da qual a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) é bastião, mas que foi ampliada e fortalecida com a presença de museus, como o Museu de Arte Contemporânea (MAC); de novas escolas, como a Escola de Comunicações e Artes (ECA); da própria Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU); e, mais recentemente, com a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), na USP Leste. Isso sem mencionar cursos que estão em outros campi da Universidade. O IEA – e eu agradeço o afeto – se diferencia das unidades e, principalmente, dos departamentos porque, uma vez integrado ao IEA você será sempre IEA. Eu me sinto extremamente bem de estar neste lugar que, há 30 anos, pratica a complementaridade.

PAULO SALDIVA

O afeto não é meu. O afeto eu trouxe da minha unidade. A Faculdade de Medicina transborda afeto, mas, de fato, o IEA talvez seja o melhor lugar para se trabalhar dentro desta Universidade. Como não tem ninguém fixo, todas aquelas picuinhas do cotidiano ficam de fora. O IEA é a coisa mais parecida com o ideal de Universidade que conheço; é um espaço que não é exatamente popular, mas que merece ser valorizado.

MARTIN GROSSMANN

Tem essa peculiaridade mesmo, e todos os diretores são provenientes de áreas muito distintas. E Paulo Saldiva é o primeiro médico que ocupa a posição de diretor do IEA. O IEA foi criado por um grupo bastante heterogêneo de intelectuais, juntamente com o professor

José Goldemberg, o primeiro reitor eleito depois do regime militar. Saldiva menciona o aspecto não popular do IEA. Eu diria mais: o IEA é uma boa pedra no sapato dentro da USP. É o espaço de uma certa leveza, que vem do fato de não termos um corpo fixo de docentes e tampouco de discentes. É uma plataforma inter- e transdisciplinar formada por grupos de pesquisa e intelectuais de primeira grandeza que compartilham generosamente, nesse ambiente, seu saber e conhecimento.

No caso desta Cátedra, uma coisa interessante é que, no início, pelo fato de termos o embaixador Rouanet, muita gente entendeu que o foco seria a aplicação do pensamento teórico da cultura nas políticas públicas. A Cátedra até tem a ver com isso, sim, mas ela vai além disso. O que queríamos discutir era mais a questão da prática cultural e das relações dessa prática cultural com o sistema da cultura. Mas, nesse quase um ano de percurso, o que o embaixador nos trouxe foi também uma visão pautada pela questão da modernidade, de como a modernidade foi traduzida e transposta, ou até de como nós, de certa maneira, fomos readequando o pensamento iluminista europeu em nossas terras. A Cátedra teve início com o debate sobre as ambivalências da modernidade e termina com Machado de Assis, que foi nosso primeiro moderno. Machado está na base de um entendimento de uma identidade brasileira. Obviamente, essa construção identitária, essa representação do que somos, vai se adensando e também vai se diluindo.

Entendo que certas discussões que tivemos ao longo desses dez meses foram muito esclarecedoras em diversos aspectos, e tenho certeza de que a mesa de hoje também será muito rica.

Mas vamos agora à condução da mesa desta tarde. Temos a presença, que muito nos honra, de alguém que tem sido fundamental para esta Cátedra, que é o professor Alfredo Bosi, professor emérito da USP, que está no IEA desde a sua criação, em 1986. Bosi será o moderador da mesa e contribuirá para a discussão. Chamo também, obviamente, nosso embaixador Sérgio Paulo Rouanet, que comporá

esta mesa, no papel de coordenador, ao lado de Hélio de Seixas Guimarães e Sílvia Eleutério. Hélio é professor livre-docente em Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP; pesquisador associado da Biblioteca Brasileira Mindlin; foi pós-doutorando em Manchester, no Reino Unido, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e professor visitante na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Já Sílvia Maria Eleutério – juntamente com Irene Moutinho, que não pôde estar aqui em São Paulo – é responsável, sob a coordenação do embaixador Sérgio Paulo Rouanet, pela pesquisa, organização e processos de restauro da correspondência de Machado de Assis; é doutora em Letras Vernáculas e Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese *Machado de Assis e a presença do analista*; pesquisadora de história do português brasileiro na UFRJ; e autora de textos teatrais e do livro infantil *O Baú do Seu Machado* (2010).<sup>3</sup> Convido todos a comporem a mesa.

ALFREDO BOSI

Boa tarde a todos. Para mim é realmente uma alegria, um grande prazer estar com vocês e ouvir, sobretudo, o embaixador Rouanet, o acadêmico confrade, como devo agora chamá-lo, sintetizando o que foi a sua presença, neste ano, como primeiro titular da Cátedra Olavo Setubal. E tenho o prazer de ter ao meu lado o professor Hélio Guimarães, que está prestes a lançar o livro *Machado de Assis, escritor que nos*

<sup>3</sup> O livro tem coautoria de Márcia Kaskus. [N.E.]

<sup>4</sup> A ideia de uma literatura universal, *Weltliteratur*, foi exposta por Johann Wolfgang von Goethe entre 1827 e 1830, em correspondências trocadas com Johann Peter Eckermann. Ver Eckermann (1947). [N.E.]

*lê* (Guimarães, 2017), que recomendo vivamente, pois é uma obra fundamental, que vai ficar na memória dos estudiosos de Machado de Assis; e Sílvia Eleutério, que conhecia por correspondência e por atender a meus pedidos desesperados pelas correspondências de Machado, esse tesouro do qual ela poderá falar. A rigor, todos estamos apresentados, e me sinto especialmente agradecido às palavras tão generosas do doutor Saldiva e do professor Grossmann. Tentarei agora seguir de perto o sempre salutar conselho do poeta Horácio: “Sê breve e agradecerás”, “*Esto brevis et placebis*”.

Coube-me, neste encontro, dar meu testemunho de leitor constante do crítico literário original, que é Sérgio Paulo Rouanet. Digo original por pelo menos duas razões. A primeira delas é sua capacidade de ler o texto literário em um regime metodológico transversal, que cruza disciplinas distintas, como a hermenêutica, a psicanálise e a crítica dialética da cultura. Essa transversalidade é rara, não só na crítica brasileira, mas no âmbito internacional em que se move a obra de Rouanet. A segunda razão da originalidade, aparentada com a primeira, reporta-se a um dos objetivos nucleares do seu discurso crítico, a convicta afirmação da existência de uma literatura universal na acepção goethiana do conceito.<sup>4</sup> Essas palavras e as que vierem em seguida são uma tentativa de me aproximar do método de Rouanet, o método que caminha para um fim. O fim, aqui, é a interpretação da obra de Machado de Assis.

No caso da crítica literária brasileira, o que sempre me encantou, e às vezes me intrigou, no discurso crítico de Rouanet foi, justamente, sua capacidade de aproximar, não polemicamente, mas amistosamente, a literatura universal e a literatura brasileira. Esse é um método que nem sempre é seguido, porque quem estuda literatura brasileira tem uma tendência explicável a acentuar as características nacionais. Não que esse não seja um caminho válido, mas tem de haver uma mediação entre esses dois caminhos e acho, desde os primeiros contatos que tive com os textos de Rouanet, que ele conseguiu trilhar esse caminho da mediação.

O crítico Rouanet nos ensina, e prova de modo consistente, que as literaturas ditas nacionais vivem em fecunda interação com as suas matrizes extranacionais, particularmente as do Ocidente, das quais formam parte integrante. Esse olhar relativiza e nuance certa obsessiva reiteração do par centro-periferia, tomados como opostos radicais. Essa reiteração continua sendo ponto forte de uma leitura estritamente sociológica do texto ficcional. Evidentemente, uma leitura sociológica voltada para o contexto brasileiro toca, necessariamente, na oposição centro-periferia. É preciso, no entanto, ter um certo cuidado em não criar pseudoconceitos, expressão que o filósofo Benedetto Croce usava para designar a passagem da empiria ao conceito universal.

A empiria nos ensina que há uma experiência nacional periférica, que temos de aprofundar. O conceito de periferia pode, contudo, ser extrapolado a tal ponto que gere uma ideia de um absoluto, da existência de algo absolutamente periférico, como se periférico e universal fossem duas substâncias intocadas. E o que a história vai nos mostrando são as interações, os conflitos, as aproximações, as divergências, enfim, o relacionamento dessas instâncias. Com isso, fica relativizado o par que, no entanto, para muitos é uma espécie de muleta e acaba explicando todos os fenômenos literários ligados ao Brasil ou às nações ex-coloniais.

Remeto os ouvintes interessados no tema a um belo ensaio de Rouanet, que ele intitulou provocativamente “Elogio do incesto”, que se

5 O texto foi publicado na coletânea *Pensamento brasileiro*, em 1995, pela IILA Palma in Palermo, Itália, 326p, com palestras proferidas num seminário realizado na Embaixada do Brasil em Roma, pelo Centro de Estudos Brasileiros, em 1994, contando com participação de Sérgio Paulo Rouanet, Alfredo Bosi, Luiz Costa Lima, Marlyse Meyer, Davi Arrigucci, entre outros, com introdução de Ettore Finazzi Agrò. O texto “Elogio do incesto” compõe também a publicação *Mal-estar na modernidade: ensaios*, de Sérgio Paulo Rouanet (1993). [N.E.]

6 Silvio Romero, autor da *História da literatura brasileira* (1888), foi um nome importante no círculo intelectual brasileiro em fins do século XIX. Romero atacou frontalmente a obra e as posições de Machado de Assis. Ver Romero (1936). [N.E.]

encontra na coletânea *Pensamento brasileiro*, editada pela Embaixada do Brasil em Roma.<sup>5</sup> Não podendo traduzir aqui a riqueza das suas reflexões, faço apenas um comentário, que é também um convite à leitura do texto. Isolar a noção espacial geográfica de periferia, exacerbando algumas de suas características internas, pode dar frutos apreciáveis na esfera particular das relações econômicas, matéria que não está aqui em discussão. Acredito que quando se trata de análises econômicas, a situação periférica dependente e subserviente do Brasil em algumas relações com nações ditas mais desenvolvidas é um fato a ser não só admitido, como aprofundado. Mas essa mesma noção geográfica não dá conta dos fenômenos superestruturais, no caso ideológicos e culturais, *lato sensu*. Para os fenômenos superestruturais, é fundamental atentar para os diálogos ora polêmicos, ora convergentes que se estabeleceram entre culturas diversas, particularmente entre culturas coloniais e ex-coloniais e colonizadoras.

Rouanet, nesse ensaio, traça um quadro dos vários momentos da história intelectual brasileira em que, a partir da independência, gera-se um discurso estritamente nacionalista, cujo efeito arriscado é acusar todas as instituições brasileiras de imitação tosca e indevida das instituições europeias, de países do Ocidente, que se sucederam a imposições hegemônicas de França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos. O desdém pela “macaqueação”, termo ferino usado por Sílvio Romero<sup>6</sup> para desqualificar toda forma estrangeira, vai repetir-se em discursos autoritários, de direita e de esquerda. Esse discurso sobrevive em todas as formulações do “transoceanismo cultural”, na expressão de Capistrano de Abreu, repetidas na sociedade pela crítica universitária e seus filamentos jornalísticos. O ensaio de Rouanet mostra os riscos que podem resultar do fechamento de uma cultura no seu próprio espaço ideológico. Essa cultura poderia tornar-se mais progressista e democrática à medida que se deixasse permear pelos ideais universalistas da ilustração e da defesa dos direitos do homem. Sobre qual deveria ser o critério dessa abertura, o ensaio de Rouanet (1993) esclarece:

O que está em jogo, com efeito, não é saber se a cultura estrangeira é ou não copiada, e sim examinar porque as relações sociais internas impedem a maioria da população de aceder à cultura, seja ela importada ou endógena. Nisso tinha razão Euclides da Cunha, embora a partir de falsas premissas. O verdadeiro problema é a integração das massas pauperizadas ao país moderno, e que é algo que passa por seu acesso ao bem estar social e econômico. O que está em jogo não é, fundamentalmente, o caráter nacional ou estrangeiro da cultura e sim a dinâmica da sua apropriação política: que classes usam que segmentos da cultura e com que objetivos. Na ótica da apropriação, não importa a origem – nacional ou externa – dos conteúdos que estão sendo mobilizados; o que importa é o uso da cultura, seu funcionamento na estrutura de classes, a intencionalidade dos atores, os efeitos objetivos desse uso no sistema de privilégios.

De que maneira esse discurso de abertura, metodológico e de seleção das fontes internacionais se volta para o fenômeno literário? Eis o que nos interessa hoje de perto enquanto leitores, seres pelos quais existe a palavra escrita. Esse preâmbulo, que pode parecer algo distanciado da matéria em si, é, na verdade, um esforço, espero que bem logrado, de atingir o cerne da conquista que Rouanet (2004) faz quando elabora o conceito de forma shandiana do romance.

Essa fórmula que ele aplica a *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), como uma verdadeira reinvenção que aconteceu na obra externa, aliás em Laurence Sterne, é citada por Machado de Assis explicitamente no seu prólogo. Então, essa invenção de uma fórmula só seria possível se acreditássemos que a cultura ocidental não é feita de elementos estanques e que um grande escritor brasileiro pode retomar, de modo extraordinariamente inteligente, procedimentos literários e estilísticos que foram inicialmente usados por um escritor inglês no final do século XVIII. Uma crítica nacionalista não teria muita dificuldade em acusar: como é possível que Machado de Assis,

de longe o maior escritor brasileiro, tenha aplicado para seu primeiro grande romance, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, justamente um esquema de procedimentos estilísticos e literários que fazem parte de uma tradição não só inglesa, mas europeia? O que Rouanet fez, nesse ensaio, foi afunilar sua hipótese universalista, aplicando-a a ninguém menos que Machado de Assis, a cuja obra central, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, dedicou seu livro *Riso e melancolia* (Rouanet, 2007).

Infelizmente, apesar de ser fundamental na fortuna crítica da Machado, esse livro não teve a divulgação que merecia e nem despertou o interesse que deveria. Então, é um livro que aconselho vivamente. Desde o título, ele traz uma interpretação da obra de Machado, sobretudo de *Memórias póstumas*. A interação que o ensaísta propôs entre as *Memórias póstumas* e [*A vida e opiniões de*] *Tristram Shandy*, de Sterne, é renovadora na história da crítica machadiana. Não me furto ao prazer de retomá-la e citá-la.

Como Rouanet daqui a alguns momentos vai tomar a palavra e, ao falar do seu trabalho e da sua interação com a Cátedra, certamente se deterá sobre algum aspecto de *Riso e melancolia*, não tenho aqui o desejo de repetir ou prevenir aquilo que ele vai dizer. Eu apenas, aos leitores que não tiveram a oportunidade de conhecer *Riso e melancolia*, indicaria os quatro tópicos que, segundo Rouanet, formam, no seu conjunto, a forma shandiana do romance, paradigma criado no final do século XVIII. As características mais fortes da forma shandiana seriam quatro: a presença enfática do narrador, a técnica da composição livre, o uso arbitrário do tempo e do espaço e, finalmente, a interpenetração de riso e melancolia.

Rouanet explora com rigor analítico cada uma dessas características que compõem a forma shandiana, expressão sintética e feliz que ele cunhou. Além de apresentar uma série de construções metodológicas, o livro é altamente concentrado na ilustração dessas características não só em Machado, mas em seus antecedentes. É também um livro de literatura comparada e de crítica comparada. A presença enfática do narrador, que está sempre se manifestando e exprimindo

seus sentimentos críticos – todos os que leram *Memórias póstumas* sabem o quanto o eu do narrador interfere, interpreta, sorri, chora – também é fortemente ilustrada. Depois, Rouanet explica a técnica da composição livre, isto é, aquele jogo de colocar capítulos fora de uma certa ordem cronológica, que desnorтеia um pouco o leitor, mas que Machado faz com muita graça; e analisa o uso arbitrário do tempo e do espaço, que ele chama de subjetivação do tempo e do espaço, longamente trabalhada em um dos capítulos. Essa ideia não está em Sterne, mas Machado, a partir de certo ponto, avançou a forma shandiana com a constatação de que a verdadeira vida começa depois da morte, frase que está no romance e que mostra que o tempo e o espaço da vida são subjetivados e podem ser colocados antes e depois da morte. O recurso de que Machado se vale é colocar um narrador que fala depois de morto. Essa originalidade, segundo Rouanet, está exclusivamente em Machado.

No livro, cada tópico é exemplificado com passagens extraídas da obra de Sterne, da novela *Jacques, o Fatalista, e Seu Amo* (1796), de Denis Diderot; de *Viagem em volta do meu quarto* (1872), de Xavier de Maistre; de *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett; e, finalmente, do próprio *Memórias póstumas*. Quer dizer, é notável que essa forma shandiana tenha sido inventada e trabalhada por um escritor inglês, Sterne, por dois escritores franceses, Diderot e de Maistre, e por Almeida Garrett, um escritor português.

Quer dizer, nós temos uma viagem da forma shandiana. Esses não são modelos que atribuímos a Machado, mas são modelos que o próprio Machado cita, se não como fontes diretas, como inspirações na sua obra. Ou seja, aquilo que nos parece uma invenção, que poderia parecer até extrapolante, uma forma que viaja por vários escritores de várias pátrias, está registrado diretamente na prosa de Machado de Assis. O que me parece notável nessa abordagem – que é ao mesmo tempo imanente, porque parte do estilo intertextual e transita para esses escritores fonte – é a sua potencialidade hermenêutica. Em outros termos, essa abordagem parte de elementos estilísticos sempre

em função de uma interpretação mais geral, e não fragmentada, do romance, quer psicológica, quer sociológica, quer existencial. Partindo de elementos estruturais e de traços estilísticos reiterados, o crítico deixa em aberto a possibilidade de remetermos a interpretação às instâncias psicanalíticas ou culturais. Ele evita assim as armadilhas do psicologismo, que foi uma das características da crítica machadiana, sobretudo nos anos 30 e 40 do século passado; do recente biografismo imprudente, de jornalistas que têm o desejo de procurar os escândalos possíveis vindos da vida de um autor; e do sociologismo primário, que não contempla a riqueza imanente da escrita ficcional.

Para fazer esse percurso foi necessário olhar muito de perto e muito de longe, transitando do local para o universal. O local é o mundo fluminense de meados do século XIX, que acredito que ninguém terá explorado tão bem quanto Machado. O universal é a trama da literatura ocidental, representada por um autor inglês do século XVIII, um francês do mesmo século, um francês e um português do século XIX e um brasileiro fluminense e afrodescendente, Joaquim Maria Machado de Assis, de longe o maior ficcionista do século XIX. *Riso e melancolia* ilumina, portanto, a trajetória iniciada com o “Elogio do incesto”. Nosso agradecimento a Sérgio Paulo Rouanet, que retificou com tanto vigor nosso olhar, ora míope, ora presbíope, vendo o Brasil no espelho do Ocidente e o Ocidente refratado na literatura brasileira.

Quando terminei de escrever isso, tive de ceder à má tentação de fazer um adendo. Mas será bastante breve. Considero muito fecunda a observação de Rouanet acerca da mistura de riso e melancolia como uma das características centrais das *Memórias póstumas*, enquanto reelaboração da forma shandiana do romance. Rouanet não só estuda o riso e a melancolia como mostra que, frequentemente, um penetra no outro; o riso pode produzir tristeza e a tristeza pode dar margem ao riso; a melancolia pode dar margem a um riso compensatório. Essa combinação está explícita quando Machado fala em “pena da galhofa e tinta da melancolia”. A gente lê isso, acha a expressão espirituosa e passa adiante. Mas a obra de Rouanet nos convida a parar um pouco



e verificar o significado mais profundo dessas duas fontes da escrita. A pena da galhofa e a tinta da melancolia, com que o narrador descreve o processo da escrita, pode aplicar-se também às relações entre texto e contexto.

Vejam o que eu imaginei, e espero que não seja muito delirante: a galhofa, nas *Memórias póstumas*, aparece sempre em uma função sutilmente crítica, como sátira aos costumes e à mentalidade dominante no tecido social fluminense. Dou um exemplo. Quando, depois da morte do pai de Brás Cubas, escuta-se o destino da herança que caberia a ele e a sua irmã, presentes estavam Brás, a irmã e o cunhado, casado com a irmã. Cotrim, o cunhado, almeja ficar com o escravo Prudêncio e também com toda a prataria da casa, ambos, como ele procura argumentar, úteis para a vida social da esposa. Mas a narração começa pela informação de que Prudêncio já tinha sido alforriado em vida pelo pai de Brás; logo, não entraria na herança. Cotrim não se contém e diz, sarcasticamente, que esperava que ao menos a prataria não tivesse sido alforriada. Aqui, o riso faz parte da denúncia indireta, mas candente, que Machado fazia da ideologia proprietista, escravista e patrimonialista do meio fluminense em que se passa o romance. A galhofa não é aleatória. Ela tem um sentido muito profundo. Ele usa um tom de brincadeira para nos mostrar uma família disputando os ossos, o escravo, a prataria. A partir daí, há um certo rompimento entre Brás e sua irmã. Quer dizer, uma herança é sempre suficiente para criar desentendimentos e rompimentos. Há ainda

7 O jornalista Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (PCB), publicou, em 1939, o ensaio *Machado de Assis romancista do Segundo Reinado*. Ver Pereira (1991). [N.E.]

um outro momento de galhofa dentro desse mesmo contexto. Brás diz saber que a esposa de Cotrim, sua irmã, tem uma vida social porque ela se casou, mas completa que também ele poderia se casar. Ao que a irmã diz: mas para que casar? Ele achou tão sublime a pergunta que não respondeu. Para que casar? Evidentemente, temos a pena da galhofa em uma frase dela, absolutamente impertinente.

Vejo que, frequentemente, a fortuna crítica de Machado, nos últimos cinquenta anos, tem existido – às vezes com razão, às vezes com exagero – em função da ideia de que Machado é o grande crítico da sociedade brasileira do século XIX. Essa é uma descoberta que teria começado com Astrogildo Pereira,<sup>7</sup> dentro de uma vigorosa linha de esquerda, e que teria posteriormente se espalhado na Universidade, graças, principalmente, aos estudos do Roberto Schwarz (2000; 2012). Schwarz, que elevou a um nível muito alto o conceito do realismo crítico de Machado, depois generalizou a ideia de que Machado não é absolutamente um homem distanciado, alienado, mas que, às vezes explicitamente, muitas vezes implicitamente, faz uma crítica através da galhofa. Muito bem.

Acrescento, porém, que se a obra contivesse apenas esse traço de crítica social ideológica, não ficaria patente a presença da tinta de melancolia, que não está necessariamente ligada à crítica social. É possível fazer uma crítica social progressista, utópica, sem nenhuma melancolia. E é possível fazer uma crítica social do pessimismo, que já vem dos séculos XVII, XVIII. Nela, os costumes são descritos com muita agudeza, mas são colocados em um contexto universal, quer dizer, o homem é assim mesmo. A ideia de que, seja morando aqui ou acolá, seja qual for sua profissão ou sua cor, o homem é um ser gótico, produz em quem observa, além da crítica, o sentimento de melancolia, no sentido de que se trata de alguma coisa quase insuperável. Se não se pode mudar aquela situação, o máximo que se pode fazer é criticá-la. Então, a tinta de melancolia, ainda que desenvolvida a partir da observação local, que é realista, dá à obra uma dimensão, eu diria, quase transnacional. Esse riso que está só voltado

para dentro do contexto fluminense é estendido a um sentimento melancólico, que já foi notado em Machado – apesar de hoje se temer usar o termo pessimismo para falar em Machado, não se pode negar que há uma melancolia no destino dos personagens. Dom Casmurro, por pior que ele tenha sido, teve um fim muito triste. A melancolia, enfim, é centrada em uma visão cética, que a universaliza.

O adendo foi maior do que o necessário, mas, para encerrar, digo que, sem dúvida, a forma shandiana, que vem de literaturas estrangeiras, ganha em Machado de Assis um desdobramento que é paradoxalmente remissão e louvação. Nesse sentido, a forma shandiana descoberta por um crítico original, que é Rouanet, se aplica ao mais original de nossos escritores, que é Machado de Assis.

Muito obrigado pela atenção. Agora eu dou a palavra ao nosso homenageado de hoje, embaixador Rouanet.

SÉRGIO PAULO ROUANET

O professor Bosi é uma das poucas pessoas que conseguiram unir, com bastante rigor, o paradigma sociológico e o paradigma psicológico. Isso está evidenciado desde o livro que ele escreveu sobre a dialética do desenvolvimento (Bosi, 1992), que li quando saiu, e que me deixou para sempre tributário e com admiração incontida por ele.

8 Os vídeos com as palestras na íntegra estão disponíveis em:  
<<http://www.iea.usp.br/midioteca/video/videos-2017>>. [N.E.]

9 O relatório está disponível no site do IEA:  
<<http://www.iea.usp.br/publicacoes/relatorio-de-gestao-2016-1>>. [N.E.]

Tinha pensado, já que essa seria a aula final deste ciclo, em fazer uma pequena síntese dos diferentes textos que, ao longo desses quase doze meses de aula, tentei transmitir para uma plateia muito generosa. Ao longo do ano de 2016, nossa Cátedra tratou de temas como a modernidade e a democracia; a arte em Kant, com o conceito de prazer desinteressado; as *Passagens*, de Walter Benjamin; as fronteiras internas e externas da ciência; cinema e psicanálise, entre outros tópicos. Participaram desses trabalhos Renato Janine Ribeiro, Celso Lafer, Barbara Freitag, Willi Bolle, Cremilda Medina, Jeanne Marie Gagnebin, Luiz Fernando Gallego e Alfredo Bosi, que, desde o princípio, nos honrou com sua indispensável experiência. Cabe aqui expressar a minha gratidão a todos eles, inclusive à equipe dirigida pelo professor Martin Grossmann, do Instituto de Estudos Avançados da USP. Importante também lembrar a atuação dos representantes do Itaú Cultural, que apoiaram financeiramente a nossa peregrinação, com destaque especial para Eduardo Saron e Marcos Cuziol, muitas vezes presentes em nossas reuniões preparatórias e nas palestras e debates. Merece menção também a presença da professora Maria Alice Setubal, filha do nosso fundador mecenas Olavo Setubal e que nos deu a honra de sua presença em minha aula inaugural.

O tema comum a nossos debates foi o espírito universalista, que impregnou as diversas contribuições. Todas elas geraram interessantes debates, disponíveis para os interessados no site da USP.<sup>8</sup> Recomendo, ainda, a leitura do nosso relatório detalhado de atividades de janeiro de 2016 a março de 2017, disponível no site do IEA.<sup>9</sup> Para fazer justiça à inspiração universalista da Cátedra, pareceu-me justo e adequado encerrar as atividades com esta mesa-redonda inteiramente dedicada à literatura, a mais universal das disciplinas do saber, com ênfase especial em Machado de Assis, o mais universalista dos nossos escritores.

Nesta mesa, pretendemos abordar Machado de Assis a partir de dois blocos temáticos: um introduzindo o conceito de forma shandiana, tão luminosamente discutido pelo professor Bosi, e outro

localizando a correspondência ativa e passiva do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Em ambos os blocos aparece a dimensão universalista da obra machadiana.

No primeiro bloco, tentaremos aplicar a Machado um conceito que desenvolvi, como tão bem assinalou o professor Bosi, em meu livro *Riso e melancolia*. Magistralmente comentado por Eduardo Portella, o conceito da forma shandiana, que inclui características como a hipertrofia da subjetividade – “Eu, Brás Cubas”; começa ele a comentar no prefácio –, a degressividade, a subjetivação do tempo e do espaço e a interpenetração do riso e da melancolia. Todas essas características aparecem no romance de Machado, especialmente em sua segunda fase. Entre os autores que cultivam essa forma está Laurence Sterne, o patriarca da família, com seu romance [*A vida e opiniões de Tristram Shandy*]; outros autores da linhagem shandiana são Diderot, Xavier de Maistre e Almeida Garrett.

No caso da forma shandiana, não se trata apenas do estudo das influências exercidas sobre Machado pelos autores shandianos. Trata-se de verificar de que modo Machado se relacionava com o conjunto da cultura universal e, em especial, a literatura. As características dessa forma aparecem exemplarmente em Machado que, por isso mesmo, pode ser visto como filiado de pleno direito da linhagem shandiana. Ele não foi o fundador dessa linhagem, mas foi quem melhor formulou seu significado e discriminou seu conteúdo, tornando-o disponível para a compreensão crítica das obras dos diversos autores shandianos. É o caso pouco banal de um influenciado que influencia a compreensão crítica de quem o influenciou.

Não é possível, depois da publicação do livro de Machado de Assis, ler esses autores sem recorrer ao conceito de forma shandiana e a suas principais características. A primeira delas é o mergulho na literatura universal – a *Weltliteratur*, no sentido de Goethe –, independentemente do conceito nacional em que essas obras se inserem. Machado de Assis tem de ser visto, portanto, como parte da literatura universal. Ele não é um mestre da periferia, como disse

Roberto Schwarz (2000), mas um autor que, desde o início, no momento de nascer, aparece como grande cultor e adepto dessa nova forma literária. Machado de Assis mergulha na literatura universal através desse conceito de forma shandiana e é, mais que um influenciado, um influenciador póstumo. Queria, a esse propósito, ler um texto que traz o conceito de *Weltliteratur*, empregado por Goethe em uma de suas conversas com Eckermann (1947):

Se nós alemães não olharmos além do círculo estreito do nosso próprio horizonte, cairemos facilmente no obscurantismo pedante. Por isso gosto de olhar para o que se faz nos países estrangeiros e aconselho a todos que façam o mesmo. A literatura nacional não quer dizer grande coisa hoje em dia, chegou a hora da literatura mundial – *Weltliteratur*, e cada um de nós deve contribuir para acelerar o advento dessa época.

Marx, aliás, usa esse termo, *Weltliteratur*, praticamente no mesmo ano em que Goethe o coloca em circulação, mostrando o quanto esse conceito pode ser iluminador. Para Marx, a *Weltliteratur* resulta da necessidade de escaparmos aos limites estreitos impostos pela localidade e pela nação. É mais do que provável que Marx conhecesse essa passagem das conversas com Eckermann, cujo último tomo saiu justamente em 1848, ano da publicação do *Manifesto do Partido Comunista*.

Creio que, com essas palavras, que foram mais extensas do que necessário, eu deveria agora passar a palavra a Hélio Guimarães que, certamente, contribuirá muito para a compreensão crítica e contemporânea de Machado de Assis. Estamos todos interessados em ouvi-lo.

HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES

É uma alegria estar aqui no Instituto de Estudos Avançados da USP para falar de Machado de Assis e falar, especificamente, das contribuições de Sérgio Paulo Rouanet aos estudos machadianos. Queria

agradecer o convite do IEA e, especialmente, o convite do querido professor Alfredo Bosi, para participar desta mesa, que entendo como uma homenagem às contribuições de Sérgio Paulo Rouanet à cultura brasileira no sentido mais amplo e complexo que esse termo possa ter.

Gostaria de compartilhar com vocês algumas linhas que escrevi sobre a contribuição de Sérgio Paulo Rouanet para os estudos machadianos. Até onde pude averiguar, seu primeiro texto de assunto machadiano foi publicado em 1991, na *Revista USP*: “Contribuição para a dialética da volubilidade” (Rouanet, 1991). Esse texto, mais tarde, foi publicado no livro *Mal-estar da modernidade* (Rouanet, 1993). Em 1995, Rouanet publicou na *Revista Brasileira*, em sua sétima fase, “Machado de Assis e a estética da fragmentação” (Rouanet, 1995), texto no qual, a meu ver, ele já se aproximava de certos aspectos da escrita machadiana, como a fragmentação e a digressão, que seriam centrais no seu pensamento sobre Machado de Assis. As contribuições decisivas, no entanto, viriam nos anos 2000, justamente com a publicação de *Riso e melancolia* (Rouanet, 2007), que, aliás, completa dez anos agora em 2017. Outra contribuição monumental é a correspondência de Machado de Assis, que saiu em cinco volumes, entre 2008 e 2015.<sup>10</sup>

Em *Riso e melancolia*, Rouanet (2007) produziu um ensaio de fôlego que deu a forma ensaística mais bem acabada para uma questão que, havia muito, rondava os estudos machadianos: a relação de Machado com os escritores de língua

inglesa, especialmente com os humoristas e, ainda mais especificamente, com a prosa de Laurence Sterne. Essa relação foi sugerida pelo próprio Machado, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, já lembrada aqui. Como se sabe, o romance de 1880 e 1881 institui, como referências, autores – Sterne explicitamente – e modos narrativos, a chamada forma livre, até então praticamente ausentes do horizonte literário e crítico no Brasil.

As *Memórias póstumas* marcam ainda uma notável viravolta no projeto ficcional de Machado e no romance brasileiro, de forma geral. As novas filiações sugeridas por Brás Cubas no famoso prólogo ao leitor produziram um deslocamento de monta em relação aos parâmetros literários e aos repertórios de leitura amplamente – senão quase que exclusivamente – baseados em autores franceses. Artur Barreiros, jornalista, fundador e coautor, com Artur Azevedo, dos periódicos da *Gazetinha* e *Pena e Lápis*, parece ter sido o primeiro a compreender e aceitar o passo dado por Machado em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Foi Barreiros que, pela primeira vez, e na contramão da crítica da época, chamou atenção para a singularidade do romance no panorama da literatura brasileira e portuguesa, filiando-o ao humorismo inglês. Cito Artur Barreiros em 1880: “É opinião minha que esse extraordinário romance inspirado diretamente nos humoristas ingleses não tem correspondência nas literaturas de ambos os países de língua portuguesa e trazem impressa a garra potente e delicadíssima do mestre”.

Esse comentário foi escrito em junho de 1880 e publicado enquanto *Brás Cubas* ainda saía aos pedaços na *Revista Brasileira*. Vale lembrar que o prólogo ao leitor, no qual Machado faz referência a Sterne, a Lamb e a Xavier de Maistre apareceria pela primeira vez na edição em livro, no início de 1881. Isso faz supor que a inclusão desses nomes no prólogo talvez tenha sido motivada pela crítica certa de Artur Barreiros, que identificou algo no estilo que teria a ver com a tradição do humorismo britânico. Artur Barreiros foi, no entanto, uma exceção. O restante da crítica reagiu negativamente

<sup>10</sup> Em 2008, a Academia Brasileira de Letras publicou o primeiro volume da *Correspondência de Machado de Assis* e, ao longo dos anos seguintes, lançou mais quatro volumes. Os volumes foram posteriormente reunidos num box. Ver Assis (2020). [N.E.]

à ousadia do escritor de trazer para seu romance autores de uma tradição literária que não a francesa. Silvio Romero, entre outros, aproveitou as deixas de Machado para atacá-lo, chamando-o de imitador pouco hábil ou, ainda pior, de “macaqueador de Sterne”, recorrendo, como bem lembrou o professor Bosi, à ideia de macaqueação e imitação de modelos estrangeiros. O epíteto nada lisonjeiro está tão enraizado nas convicções profundas sobre os modelos válidos da literatura produzida no Brasil que, quase sessenta anos mais tarde, Mário de Andrade repetiria a palavra forte utilizada por Romero, “macaqueação”, ao criticar a relação de Machado com a tradição inglesa.

Também houve, no entanto, quem tomasse de forma mais benigna a relação de Machado com os humoristas ingleses. Um deles foi Alcides Maia. Num ensaio sobre Machado de Assis publicado em 1912, o primeiro estudo de fôlego dedicado ao escritor depois de sua morte, Maia tratou de forma positiva a presença desse *humour*, grafado no livro em itálico, indicando sua origem estrangeira. Foi, porém, Eugênio Gomes quem produziu a obra mais abrangente sobre a relação de Machado de Assis com os escritores britânicos decisivos para sua obra, como Thackeray, Lamb, Carlyle, Swift, Shakespeare, Spencer etc. Parte desses estudos de Eugênio Gomes está reunida no trabalho *Influências inglesas de Machado de Assis* (1939) e *Machado de Assis – influências inglesas* (1976), uma edição póstuma.

Essa é, em termos muito gerais, a linhagem crítica à qual o trabalho de Sérgio Paulo Rouanet pertence, contribuindo para esses estudos comparativos com sua admirável erudição. Mais do que indicar influências ou fazer alusões, o que Rouanet mostra, em seu livro, são as afinidades internas entre escritos de Machado e os de Sterne, especialmente em *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*.

Com isso, Rouanet altera completamente a ideia da macaqueação. Como disse o professor Bosi, a referência a Sterne e outros autores, no caso de Machado, não deve ser entendida como submissão

a modelos estrangeiros, mas como participação de uma tradição, que inclui autores de vários tempos e lugares. Como indica Rouanet em seu livro, foi Machado quem, com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, efetivamente definiu e levou à perfeição a forma shandiana. Isso se deu por meio daqueles quatro recursos já citados: a presença constante e caprichosa do narrador, numa espécie de hipertrofia do eu e da subjetividade, que marca a prosa de Brás Cubas; a degeneração e a fragmentação da escrita; a subjetivação do tempo e do espaço; e, finalmente, a interpenetração do riso e da melancolia.

Para fechar este breve primeiro capítulo das contribuições de Rouanet para os estudos machadianos, gostaria de destacar uma coincidência: assim como Machado, nascido 126 anos depois de Sterne, levou à perfeição a forma shandiana, o crítico Sérgio Paulo Rouanet encontrou, justamente 126 anos depois da publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com seu *Riso e melancolia*, uma formulação abrangente, densa e convincente sobre o que é aquela “forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre” aludida por Machado de Assis em seu grande romance.

Para finalizar, gostaria de falar algumas palavras sobre a correspondência organizada por Sérgio Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Também essa obra, coordenada por Rouanet, modifica bastante a visão, por muito tempo dominante, que se tinha sobre as cartas escritas e recebidas por Machado de Assis. Cinco meses antes de morrer, Machado escreveu ao amigo e crítico José Veríssimo, que havia pedido autorização para publicar sua correspondência, dizendo o seguinte: “Não me parece que, de tantas cartas que escrevi a amigos e a estranhos, se possa apurar nada de interessante, salvo as recordações pessoais, que conservei para alguns”. Seguindo a opinião talvez excessivamente modesta do escritor, a correspondência de Machado de Assis foi, por muito tempo, considerada um “monumento de insignificância”, para usar a expressão do crítico Augusto Meyer, e por isso foi tratada como um enorme capítulo de negativas. Não haveria nela a revelação de grandes segredos íntimos,

nem longos testemunhos sobre o modo de composição das obras, discussões filosóficas ou estéticas e nem comentários indiscretos sobre os contemporâneos.

De fato, quando a gente percorre a correspondência, nota que boa parte dela é protocolar, com Machado tratando de questões do dia a dia, respondendo sucintamente perguntas ou, às vezes, cedendo a alguma insistência do interlocutor. É um conjunto discreto e relativamente pouco numeroso se comparado, por exemplo, à correspondência de autores franceses como Zola e Flaubert. Por outro lado, as cartas fornecem abundante manancial de informações sobre o escritor e sobre as relações diversificadas que estabeleceu com muitos correspondentes, com os quais manteve distâncias quase sempre, me parece, calculadas, mas muito variadas. Ao lado do burocrata protocolar e quase seco, há o homem com discretas expansões de afeto, reservadas aos velhos amigos, como Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça, e, principalmente, aos jovens cujas amizades cultivou na velhice, como Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, com quem chega ao confessional.

Se, de fato, são relativamente poucas as cartas que interessam isoladamente, o conjunto reunido e anotado de maneira primorosa por Sérgio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério representa um documento inigualável. Diria que o “monumento da insignificância” foi transformado, por essa obra do Rouanet, em um monumento de muitas possibilidades de resignificação da trajetória do homem e do escritor. Para um homem que quase nunca falou diretamente de si, é surpreendente lê-lo fazendo menção à sua proverbial timidez e ao temperamento melancólico em declarações como esta: “A parte relativa ao que se achou de humorismo e pessimismo nos últimos livros é tratada com fina crítica, e acerta comigo, cuja natureza teve sempre um fundo antes melancólico que alegre”.

Vejam que a questão do riso e da melancolia também está presente na correspondência. Aliás, há uma comunicação impressionante

entre a correspondência e a ficção de Machado: “A própria timidez, ou o que quer que seja, me terá feito limitar ou dissimular a expressão verdadeira do meu sentir, sem contar que a experiência é vento mais propício a essas flores amarelas”, escreveu ele. Também é fascinante acompanhar o escritor, em maio de 1895, dando a conta-gotas informações sobre a escrita – de forma intermitente, em grandes intervalos de dias e até de semanas, durante as horas que lhe sobravam do trabalho administrativo – daquilo que viria a ser, anos mais tarde, *Dom Casmurro* (1899).

Uma constante nas cartas é o cuidado do escritor com a recepção de sua obra. Ele sempre agradece leituras e comentários elogiosos que recebe, e quando esses comentários vêm de um desconhecido, vemos um Machado quase efusivo. Em uma carta ao jovem poeta mineiro Belmiro Braga, que não conhecia pessoalmente e que o cumprimenta pelo aniversário de 56 anos, Machado não esconde o entusiasmo:

Pelo que me dizeis em vossa bela e afetuosa carta, foram os meus escritos que vos deram a simpatia que manifestais a meu respeito. Há desses amigos, que um escritor tem a fortuna de ganhar sem conhecer, e são dos melhores. É doce ao espírito saber que um eco responde ao que ele pensou, e mais ainda se o pensamento, transladado ao papel, é guardado entre as coisas mais queridas de alguém.

Impressiona também a compenetração do escritor em relação à morte, que passa a se tornar assunto recorrente a partir de 1895, quando escreve a Magalhães de Azeredo: “Não sou dos que dão para octogenários. [...] não me demorarei muito por este mundo”. Daí em diante, até 1908, quando efetivamente morre, testemunhamos Machado perdendo as forças e morrendo aos poucos também em sua correspondência. Cito um trecho de uma carta de novembro de 1899:

Os anos, meu amigo, de certo ponto em diante andam muito depressa. Sabe quantos conto já? Entrei nos sessenta. Não escrevo em algarismo para me não afligir a vista. Ponha sobre isto o constante e crescido trabalho administrativo, e diga-me se pode haver nestes ossos muito que espremer para a literatura. Feliz ou infelizmente, como é vício velho, vou cachimbando o meu pouco.

Esses são exemplos colhidos um pouco ao acaso entre 1.178 documentos que compõem os cinco volumes da correspondência. Para usar uma expressão do próprio Machado, esses volumes têm dado e ainda darão, por muito tempo, pasto para novas leituras e escritos. Assim como ocorre nos romances e contos, também na correspondência a gente pode ver as lacunas, os silêncios, os interditos que, muitas vezes, dizem muito mais do que aquilo que está escrito, desafiando o leitor a ligar pontos para tentar recompor a figura prismática de Machado de Assis.

As anotações precisas, excelentes, dos organizadores são outro destaque da edição. Do primeiro ao último volume, que fui lendo e comparando à medida que iam saindo, há uma consistência que muito raramente encontramos em um trabalho editorial no Brasil. As apresentações escritas por Sérgio Paulo Rouanet para cada um dos cinco volumes servem, por sua vez, de guia seguro e estímulo para a recomposição da trajetória desse escritor que, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, continua a revolver em nós tantos enigmas.

Tenho a impressão de que desde os trabalhos de Galante de Sousa, dos anos de 1950, com a sua *Bibliografia de Machado de Assis* (Sousa, 1955) e suas *Fontes para o estudo de Machado de Assis* (Sousa, 1958) – obras que ainda hoje se mantêm como referências incontornáveis para qualquer estudioso do escritor –, não havia um projeto editorial tão bem executado e tão generoso com a memória do escritor e conosco, seus leitores.

É como leitor e estudioso de Machado de Assis que cumprimento e agradeço a Sérgio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério o trabalho realizado. Muito obrigado.

ALFREDO BOSI

Obrigado. Sílvia Eleutério, como vimos, é uma das três estrelas do livro.

SÍLVIA ELEUTÉRIO

Quero agradecer a todos o convite, e à USP pela oportunidade de falar para uma plateia tão interessada e tão amável, e ao professor Bosi pela acolhida.

Começarei dizendo que os cinco tomos da *Correspondência* foram fruto de um trabalho muito interessante. Vou falar brevemente sobre como ele foi pensado e, depois, vou comentar uma ou duas cartas, para delinear brevemente como extraímos delas os comentários, as análises, as ilações.

A correspondência, como Hélio Guimarães lembrou, se constitui em 1.178 documentos, entre cartas, cartas abertas, bilhetes e até documentos do Ministério em que Machado trabalhava, e que estavam escritos em forma de carta. O material contempla uma imensa tipologia de documentos: bilhetes e cartas pessoais, cartas estritamente sociais, cartas literárias e cartas sociais que se transformaram em pessoais. E esse material é cheio de lacunas. Às vezes, uma carta seguiu para um determinado interlocutor e a resposta não veio; não veio porque se perdeu ou porque o interlocutor não respondeu. Entre o envio de uma carta a um interlocutor e o recebimento de resposta, muitas outras cartas se interpõem. Temos que nos lembrar de que, naquela época, uma carta vinda da Europa levava quase um mês para chegar aqui, de navio.

Um bom exemplo disso é a comunicação entre Machado e Magalhães de Azeredo, que poucas vezes se viram e que mantiveram uma relação epistolar longa e muito proveitosa para quem se dedica a estudar Machado. Azeredo, nascido no Rio de Janeiro, veio, ainda bem jovem, estudar nas famosas Arcadas.<sup>11</sup> Daqui, escreve a Machado, que o acolheu, e aí eles começaram a se corresponder, no início muito timidamente, mas depois de forma mais intensa. Quando Azeredo, que havia se tornado diplomata em 1895, foi para Roma, ele passa a escrever cartas longuíssimas, imensas mesmo, e Machado, às vezes, pulava duas ou três cartas até enviar uma resposta. Ele se fingia de bobo, fingia que não havia recebido ainda, até que, a certa altura, Azeredo insistente cobrava, numa nova carta, uma resposta. Aí Machado enfim escrevia. Então, esse conjunto tem todo tipo de carta.

Para trabalhar esse material, estabelecemos uma divisão que, à primeira vista, parece arbitrária, mas que tem uma organicidade. Temos um primeiro volume de 1860 a 1869; um segundo volume de 1870 a 1889; um terceiro, de 1890 a 1900; um quarto, de 1901 a 1904; e, por fim, o quinto volume, de 1905 a 1908. O último volume é, temporalmente, o menor, mas é o que abarca o maior número de cartas. Naturalmente isso é o reflexo da importância literária e social do escritor. Machado transitava não só no mundo literário e jornalístico, mas também no *high-life* do seu tempo, na alta burocracia do Estado e nos círculos

<sup>11</sup> Nome pelo qual é conhecida a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, da Universidade de São Paulo. [N.E.]

<sup>12</sup> Carolina Augusta Xavier de Novaes Machado de Assis, com quem Machado de Assis foi casado por 35 anos. [N.E.]

do poder político. A carta que vou, mais adiante, comentar, fala desse reconhecimento que ele teve em vida.

Há um outro aspecto que a correspondência me ensinou e que gostaria de dividir. Nosso trabalho começou, aparentemente, em 2008 e foi até 2015. Na verdade, não foi bem assim. Desde 2006, antes de apresentarmos o projeto à Academia Brasileira de Letras (ABL), Sérgio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e eu já estávamos pensando o que e como íamos fazer, tomando decisões e recolhendo material. A ideia principal, que norteou o projeto, foi a proposta de Rouanet de organizar os documentos em ordem cronológica para que pudéssemos perceber o fluxo comunicativo, com esses intervalos e esperas que lhes descrevi. Dessa forma, foi sendo criado um mapa muito esclarecedor das relações de Machado. Particularmente, eu já estudava Machado há alguns anos, mas esses documentos me deram uma visão capilar das relações do escritor, e do que estava acontecendo fora da literatura. De repente, uma carta que diz: “Bom dia, eu fui hoje ao Ministério e não o encontrei lá. Mário de Alencar”. É um bilhete simples, uma banalidade, mas se formos pesquisar por que Mário não o encontrou lá, teremos possivelmente um dado que ilumina tudo. Machado não estava lá porque, nesse dia, tinha ido levar Carolina<sup>12</sup> ao médico. Então talvez seja, nesse ponto, que Carolina começou a adoecer, porque em carta a outro interlocutor há uma menção da ida ao médico no mesmo dia do bilhete de Mário. Os dados estão ali e são textuais. Outro exemplo: “Hoje encontrei com o Paulo”. Que Paulo é esse? Temos que ir atrás do dado que aparece ali. É algo muito trabalhoso, mas também prazeroso porque, de repente, emergem novos elementos da história que esclarecem muito do que Machado estava vivendo. Esse fluxo comunicativo fragmentado nos fez preencher as lacunas de memória, preenchê-las com dados novos e iluminar mais a carta.

Vou dar o exemplo das cartas de Miguel de Novaes, cunhado de Machado de Assis, com quem ele teve uma correspondência bastante interessante. Temos 33 cartas – acho que são 33 – de Miguel



a Machado, mas não temos nenhuma carta de Machado a Miguel. Pelo tom das cartas de Miguel, percebemos que cultivavam uma grande intimidade, não só a intimidade dos laços de parentesco, mas uma intimidade por identificação de traços de temperamento, talvez pelo humor – porque Miguel, além de sincero, era muito bem-humorado. Há uma carta em que Miguel diz ter gostado muito de ver as opiniões políticas do cunhado. Já imaginou que delícia encontrarmos a carta em que Machado expressa essas opiniões?

Agora gostaria de fazer um comentário mais, digamos, paulistano. Vou falar um pouco de São Paulo. Machado, na década de 1860, teve grande proximidade com os estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, fossem eles cariocas ou fluminenses transferidos à cidade para estudar direito – como Sizenando Nabuco, Ferreira de Meneses, Guimarães Júnior, Salvador de Mendonça –, fossem eles paulistas de origem, como, por exemplo, Luís Ramos Figueira, diretor da Imprensa Acadêmica, que havia morado no Rio e convivido com Machado, na Sociedade Filomática. A relação com esses amigos nas Arcadas propiciou o vínculo com a Imprensa Acadêmica, que tinha sido fundada em 1864 pelos alunos do Largo São Francisco a fim de que pudessem manifestar seu pensamento e publicar trabalhos literários. Caracterizou-se desde o início como abolicionista, e Machado aderiu com entusiasmo ao periódico. Jovem, e sem tédio algum à controvérsia, Machado

<sup>13</sup> Quando o cargo do funcionário público é extinto ou considerado desnecessário. (N.E.)

gostava da guerra. Certamente identificado com os estudantes, seja porque fosse jovem, seja por ter amigos próximos ali, seja porque desejasse expandir a sua pena, o fato é que, sob o pseudônimo de Sileno, enviou, de abril a outubro de 1864, 11 correspondências para a publicação. Esse vínculo foi reforçado com as defesas que fez na imprensa carioca em favor dos estudantes de São Paulo, como no caso do senador Cruz Jobim.

Cruz Jobim era o senador mais antigo do parlamento, de grande importância em determinado momento da história do Império [1822-1889], e que se manifestava, no Senado, contra os estudantes de São Paulo, dizendo que eles tinham uma vida licenciosa, bebendo e aprontando muito na cidade. Em reação a Cruz Jobim, Machado, em duas crônicas no *Diário do Rio de Janeiro*, não deixou pedra sobre pedra. A leitura dessas correspondências, assim como daquelas da Imprensa Acadêmica, é deliciosa.

No entanto, a relação de Machado com os paulistas se estendeu para além da Imprensa Acadêmica. A poetisa Rafaelina de Barros; o diplomata Lucilo Bueno; o secretário da presidência da República do governo Campos Sales, Thomas Wallace da Gama Cochrane; o médico Alfredo Elis e o advogado Joaquim Xavier da Silveira Júnior são alguns dos paulistas com os quais ele se correspondia. Há também o caso especialíssimo de Alfredo Pujol que, apesar de nascido em São João Marcos, no Rio de Janeiro, viveu a maior parte da vida em São Paulo. Como todos sabem, Pujol foi o primeiro grande biógrafo de Machado na Academia Brasileira de Letras (ABL) e, além disso, sucedeu Lafaiete Rodrigues Pereira, o famoso Labieno, na cadeira 23, a mais icônica da ABL, e que tinha sido ocupada por Machado de Assis.

Labieno, antecessor de Pujol na ABL, defendeu Machado do virulento ataque de Sílvio Romero, no livro que todos conhecemos, *Machado de Assis* (Romero, 1936), em um período crucial para Machado, entre 1897-1898 – retratado no tomo 3 da *Correspondência*. Essa foi uma época terrível para ele. No apagar das luzes de 1897, é posto em disponibilidade,<sup>15</sup> em uma caça às bruxas promovida pela

República Velha, e caiu em grande abatimento. Nesse momento, Mário de Alencar, a quem Machado já conhecia, lhe escreve uma carta belíssima, tocante. E Machado, que tinha a tarimba em distinguir o puxa-saco daquele que era verdadeiro em sua emoção, percebeu, pelo temperamento recolhido e simples de Mário, que aquelas palavras não eram apenas um consolo protocolar, mas que vinham do fundo da alma, daquele outro tímido.

Outra carta que gostaria de comentar é a de um poeta paulista, muito conhecido então, que é Batista Cepelos, e, na sequência, a resposta de Machado. A carta é de 23 de julho de 1908, ou seja, nós estamos há dois meses e seis dias do desaparecimento de Machado de Assis.<sup>14</sup> Cepelos era natural de Cotia, à época boca do sertão, e protegido de Francisco de Assis Peixoto Gomide, então presidente do Senado paulista. Cepelos, por ser colega de turma de um dos filhos do senador, frequentava diariamente a casa dos Gomide e apaixonou-se por Sofia, de 22 anos. Foi correspondido e, apesar da resistência da família, ficaram noivos. Peixoto Gomide opôs-se tenazmente ao noivado, dado o fato de Cepelos ser de outra classe social e, além disso, ser poeta, boêmio e ter, na visão do senador, um caráter duvidoso. Sofia persistiu. No dia 20 de janeiro de 1906, sete dias antes do casamento, Sofia foi assassinada pelo pai com um tiro na testa, na casa da Rua Benjamin Constant, 25 A, no Centro Velho de São Paulo. Em seguida, Gomide se matou. A tragédia teve enorme repercussão não só pela importância dos envolvidos,

<sup>14</sup> Machado de Assis morre no dia 29 de setembro de 1908. [N.E.]

mas também porque corria à boca pequena a informação de que, talvez, o noivo fosse filho bastardo de Peixoto Gomide. Esse é então o pano de fundo que envolvia o poeta quando escreveu esta carta:

São Paulo, 23 de julho de 1908.

Prezado mestre, Machado de Assis

Este livro em que esgotei todas as minhas forças, se fosse publicado assim, passaria despercebido no Brasil, onde, além da crítica ser madrastra, a seara dos maus versos é tão abundante, que é de bom aviso a gente receber sempre com prevenção este gênero literário. E eu tenho medo de ficar soterrado, sem uma palavra de consolo, sobre a aluvião de banalidades metrificadas [Lembremos que o parnasianismo era a aspiração estética de quase todos os poetas do período] que surgem de todos os lados, com uma fecundidade assustadora.

Por isso recorro à Vossa Excelência, mestre de nossa literatura, pedindo-lhe um juízo crítico, com que abrirei o presente volume, caso Vossa Excelência me considere digno dessa honra.

Julgo imprudente pedir ou fazer qualquer outra consideração, certo de que tudo depende do fino gosto e do alto critério de Vossa Excelência.

Pedindo desculpas pela ousadia, desde já se confessa grato o seu admirador muito sincero

*Batista Cepelos*

Vamos à resposta de Machado:

[Rio de Janeiro], 30 de julho de 1908.

Meu distinto senhor Cepelos

A pessoa [eu acho muito engraçado isso] que me trouxe o seu livro das *Vaidades* lhe terá dito que o meu estado de saúde não permite fazer deste a leitura precisa a um cabal juízo. Para um moço que começa assim em tão verdes anos uma leitura tão rápida não basta; fi-la, entretanto, o bastante para ver que há notas de vigor e rasgos

de coloridos surtos altos ao par de descuidos a que o autor de si mesmo acabará fugindo. Este juízo é sem autoridade e expresso com a timidez dos velhos.

Creia-me com elevada consideração, admirador e obrigado  
*Machado de Assis.*

O que Cepelos queria? Um prefácio chancelado por Machado de Assis, que seria o ápice da consagração que desejava receber. No meio intelectual e literário da época, Cepelos era reconhecido como um poeta de raras qualidades – basta ler os comentários feitos por Olavo Bilac, um dos seus devotos, ou por Araripe Júnior, ou ainda João do Rio, seus admiradores fervorosos. Em fevereiro de 1906, o ano fatídico em que aconteceram as mortes, Batista Cepelos havia lançado *Os bandeirantes*, livro de poemas prefaciado por Bilac, que, não fosse a tragédia, teria sido também o livro de celebração do casamento. Dois anos depois, em fevereiro de 1908, ele relança *Os bandeirantes* em edição revista e reelaborada, que é objeto de comentário apaixonado de João do Rio, em 5 de junho de 1908, no “Cinematógrafo”, página por ele assinada na *Gazeta de Notícias*. Em março, Cepelos anuncia pelo *Correio Paulistano* que as *Vaidades* estavam no prelo; em julho, escreveu a Machado, e não conseguiu o prefácio. Em 20 de setembro, nove dias antes do desaparecimento de Machado, o livro é lançado – sendo de novo objeto de comentário apaixonado do João do Rio no “Cinematógrafo”.

Em 1908, Batista Cepelos, que era promotor em Itapetininga, licenciado desde os acontecimentos fatídicos de 1906, tentou renovar a licença, mas não conseguiu e abandonou a promotoria. Raimundo Magalhães Jr. diz que em 1909 ele se mudou para o Rio de Janeiro, mas não tenho certeza. Estudando esse período da sua vida, acredito que ficasse na “ponte-aérea”, para lá e para cá, pelo trem noturno. Nesse período ainda, concorreu à vaga de Artur Azevedo na ABL, mas quem ganhou foi Vicente de Carvalho.

No ano seguinte, em 1910, concorreu à vaga do Euclides da Cunha, mas quem levou foi Afrânio Peixoto. Depois, em 1911, tentou a vaga de Raimundo, e quem ganhou foi Oswaldo Cruz. Naqueles anos, estava ocorrendo um movimento na Academia Brasileira de Letras de buscar nomes que não fossem de cariocas e, nos jornais, são citados três escritores: Ricardo Gonçalves, Amadeu Amaral e Batista Cepelos. E, nesse contexto de busca pela consagração, a resposta de Machado, em 1908, não é animadora; é, na verdade, um primor de tergiversação. Ele não deixa de se manifestar, e diz que há qualidades, mas há defeitos também. O que me chamou a atenção foi a frase “para o moço que começa assim em tão verdes anos”. Cepelos não era um neófito. Tinha publicado *Os bandeirantes*, livro de sucesso, aclamado pela crítica, era famoso – inclusive tristemente famoso – e tinha quase 36 anos.

Essa carta me fez refletir bastante. Rouanet, Irene e eu, ao longo do trabalho, deparamos com respostas de Machado muito semelhantes a essa, em cartas enviadas a escritores recentes no ofício. Parece, por vezes, que Machado queria se escusar de prefaciá-lo, de chancelar, mas ainda assim desejava incentivar. Era como se dissesse: “Continue, mas não vou prefaciá-lo”. Terá lido o livro? Talvez o tenha lido integralmente, ou talvez esparsamente. Não sabemos. O fato é que essa carta demonstra que, apesar de doente, não perdera a mão: sabia dizer “não” com firmeza. Qual era o pano de fundo da vida de Machado nesse momento? A sua doença e a sua morte iminente. As suas últimas energias estavam concentradas no *Memorial de Aires* (1908), seu último ato. Ele esperava pelo *Memorial* desde o início de 1908. Em diversas cartas, trata ansiosamente desse assunto com Mário. Temia não ver os volumes, que estavam demorando a vir da Europa, e apertava o editor Baptiste-Louis Garnier. Além de esperar o livro, Machado lia, quando os olhos permitiam, escrevia cartas, ia ao centro do Rio e recebia alguns amigos – Octavio, Veríssimo, Armando Ribeiro e Mário de Alencar.

A espera terminou em 17 de julho, quando, por meio de uma carta, Mário avisou-o de que os livros estavam na aduana. Em 20 de julho, os livros foram postos à venda na Garnier. O coração se aqueceu com a alegria. As energias dele se renovaram. É nesse momento que havia chegado a carta de Cepelos. Interpreto a resposta de Machado como uma deferência ao poeta, a quem ele não conseguiu atender em razão de suas próprias demandas e objetivos, no ocaso da vida. No dia 1º de agosto, dois dias depois da resposta a Cepelos, Machado escreveu longas cartas aos amigos chegados, Nabuco, Azeredo e Mário, enviando-lhes o *Memorial*. Depois, faz chegar o livro a Veríssimo, que lhe responde, e a quem Machado torna a escrever, mas de modo ligeiro. Envia o livro também a Salvador de Mendonça, que lhe escreve uma carta lindíssima, à qual Machado responde em 7 de setembro e que é a sua última manifestação escrita. A carta de Salvador é uma celebração da arte e da amizade. Naquele momento da vida, Machado tinha voltado à poesia, lia os gregos, lia Henry Wadsworth Longfellow, buscava, enfim, consolo na arte.

Em algumas cartas trocadas entre ele e Mário, ambos falam muito de suas leituras, quase sempre em momentos cruciais do padecimento de um ou de outro. A *Musa Consolatrix*<sup>45</sup> é recorrente. Para finalizar, gostaria de ler uma carta de Mário, de 6 de agosto de 1908, em que expressa o valor da arte como lenitivo, como lugar de renovação das forças e da esperança:

<sup>45</sup> Poema que abre o primeiro livro de poemas de Machado de Assis, *Crisálidas* (1864). IN.E.1

Meu querido amigo, também eu não fui à cidade hoje. Um dos meus filhos está doente e eu próprio não estou bem. Uma e outra coisa não me deixam ir pessoalmente visitá-lo. Como passou ontem? Espero que a *calcária carbônica* [Mário, parece, era um grande hipocondríaco, daqueles que apreciam prescrever receitas aos amigos] se a tomou, como eu lhe disse, tenha feito o bem que costuma. Apesar de não ser médico, julgo conveniente que o Senhor não recomece o tribomureto enquanto perdurar o estado mau dos intestinos. Quisera mandar-lhe para o espírito abatido algumas palavras medicinais. Mas que pode dizer-lhe outro espírito doente e em sombra? Saia de si mesmo para o sonho; abra um dos seus livros ou qualquer dos antigos. Achará logo aí o que lhe faça esquecer o transitório e o doloroso [Mário cita o poema do próprio Machado]: *Não há, não há contigo, / Nem dor aguda, nem sombrios ermos... /.../ Que vales tu, desilusão dos homens? /.../ Musa consoladora / Ah, no teu seio amigo, / Acolhe-me – e haverá minh' alma aflita, / Em vez de algumas ilusões que teve, / A paz, o último bem, último e puro!* - A Musa que o ouviu tantas vezes, há de ser desacreditada agora? Ouça-a, converse-a, meu amigo, e verá que ela é boa sempre. Adeus. Diga-me como está e receba este abraço do seu Mário de Alencar.

ALFREDO BOSI

Com a anuência do homenageado e agradecendo vivamente a todos que colaboraram, termino esta sessão, que considero memorável.

Perdão. Rouanet se arrependeu do silêncio e vai falar.

SÉRGIO PAULO ROUANET

Vou dizer coisas muito sucintas. Queria agradecer enormemente às minhas colaboradoras nesse trabalho, que foi realmente duro,

de coligir as correspondências ativa e passiva de Machado de Assis. Um dia contaremos a história heroica desses dias, alguns deles regados a um bom vinho francês. Valeu a pena. Foi uma coisa profundamente emocionante. Não queria, nesta última aula, deixar passar a oportunidade de assinalar a presença de duas mulheres muito caras a mim: a minha mulher Barbara Freitag, *musa consolatrix*, entre outras coisas, e de Adriana Rouanet Bassi, que é uma união de beleza e inteligência. *A thing of beauty is a joy for ever/ Its loveliness increases*.<sup>16</sup> Muito obrigado.

ALFREDO BOSI

Creio que agora posso dizer: está encerrada a sessão.

#### REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. M. M. de. *Correspondência de Machado de Assis*. Org. S. Eleutério, I. Moutinho e S. P. Rouanet. Rio de Janeiro: Global Editora, 2020.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ECKERMANN, J. P. *Conversações com Goethe*. Lisboa: Vega, 1947.
- GUIMARÃES, H. *Machado de Assis, o escritor que nos lê – as figuras machadianas através da crítica e das polêmicas*. São Paulo: Editora Unesp; Fapesp, 2017.
- KEATS, J. *Endymion: a Poetic Romance*. London: Taylor & Hessey, 1818.
- PEREIRA, A. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. São Paulo: Oficina de Livros, 1991.
- ROMERO, S. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- ROUANET, S. Contribuição para a dialética da volubilidade. *Revista USP*, v.9, p.175-94, 1991. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voigp175-194>>.
- \_\_\_\_\_. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. Machado de Assis e a estética da fragmentação. *Revista Brasileira*, ano I, n.2, fase. VII, abr./jun., 1995.
- \_\_\_\_\_. Tempo e espaço na forma shandiana: Sterne e Machado de Assis. *Estudos Avançados*, v.18, n.51, mai/ago., 2004.
- \_\_\_\_\_. *Riso e melancolia – a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- SOUZA, J. G. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

<sup>16</sup> Trecho de poema de John Keats publicado em *Keats* (1818). [N.E.]